

## Editorial

O Museu do Índio tem promovido novas estratégias de comunicação com o público por meio da disseminação de informações pela Internet e da consolidação dos espaços expositivos Muro do Museu, Museu das Aldeias, Galeria de Arte Indígena e Varanda do Museu. Essa ação de ampliação dos meios de acesso e contato de visitantes com as diferentes formas de expressão e saberes das sociedades indígenas no Brasil conta também com a itinerância de suas exposições e produtos gráficos pelo País. Para democratizar ainda mais esse acesso, desenvolve o Programa de Gestão e Modernização Institucional que prioriza a acessibilidade na promoção da inclusão social.

Neste número, conheça o Projeto de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas – o PROGDOC – e a situação da etnia Karajá no mundo globalizado.

Boa leitura.

*Núcleo de Comunicação Social - NUCOM*



Ritxoko

ISSN 1678-1309



9 771678 130122



Lideranças Karajá (TO)

UNIVERSO

# INY MAHÃDU

## em foco no Museu do Índio



# Destaque

**A** cultura e a arte Iny Mahãdu são divulgadas pelo Museu do Índio em mostras etnográficas, fotográficas, instalações, vídeos, sites, além de serem temas da 3ª Edição do Projeto Índio no Museu. A partir do segundo semestre, catálogos e conjuntos de postais chegam ao Museu do Índio, contribuindo para a disseminação de informações acerca da comunidade que habita a Ilha do Bananal em Tocantins. Pesquisadores Karajá, como é conhecida a etnia, também fazem parte do Programa de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas desenvolvido pelo Museu do Índio em parceria com a Fundação Banco do Brasil, a Unesco e a SAMI – Sociedade de Amigos do MI.

A curadoria das exposições desta edição do Projeto Índio no Museu – que ficou em cartaz no Museu do Índio de abril a agosto e será levada para outras instituições brasileiras – é assinada pela antropóloga Chang Whan (UFRJ), também coordenadora do projeto Karajá/Iny, do PROGDOC/ Prodoclin.

## Cultura artesanal Iny

Atualmente, o povo Iny conta com uma população de, aproximadamente, 3.200 pessoas distribuídas em 18 aldeias nos Estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. A língua Karajá – Inyrybe (a fala dos Iny) – pertence ao tronco linguístico Macro-Jê, sendo ativamente falada por todas as gerações na maioria das aldeias.

Apesar de mais de dois séculos de crescentes contatos com a sociedade

nacional, os Iny têm conseguido manter a sua integridade cultural por meio da manutenção de seus costumes. Com palha de buriti, barro e madeira, eles fazem os objetos usados no cotidiano e em rituais nas aldeias. Na criação de peças, que são símbolos contemporâneos de sua arte, são utilizadas tanto técnicas tradicionais como inovadoras.



Produtos educativos do kit Karajá são entregues pelo Serviço de Atividades Culturais às escolas que visitam o Museu do Índio.

**“O Museu do Índio apóia e implementa ações que garantam acessibilidade às pessoas com restrição de mobilidade e deficiências.”**



A expografia foi pensada para permitir a interatividade dos visitantes, especialmente os deficientes visuais.

# Artigo

Por Chang Whan

## Os Karajá no mundo globalizado e o PRODOCLIN

O povo Iny, especialmente os subgrupos Karajá e Javaé, têm, admiravelmente, conseguido preservar sua herança cultural e sua língua, mantendo-as vivas até os dias atuais, nesse mundo globalizado, desse início de terceiro milênio. Tal fato é admirável, em se considerando que os seus primeiros contatos com a sociedade nacional remontam há mais de dois séculos. De lá para cá, os contatos, sejam amistosos ou conflituosos, cada vez mais frequentes e intensos, se transformaram em convívio. Os Iny estão, hoje, mais que integrados, inseridos na sociedade nacional. Dominam o português como segunda língua, ocupam cargos em instituições do estado brasileiro – são agentes de saúde, técnicos em enfermagem, enfermeiros, professores de ensino fundamental e médio, coordenadores e diretores escolares, advogados, vereadores, e funcionários na FUNAI e na FUNASA. Conhecem e buscam se apropriar dos bens e das comodidades tecnológicas do mundo globalizado – têm RG, CPF, título eleitoral, conta em banco, celular, lanchas “voadeiras”, carros, motos, e também Orkut, Facebook e e-mail. São consumidores regulares no comércio das cidades próximas de suas aldeias, onde frequentam restaurantes, clubes e lan-houses. Não raro, viajam pelo Brasil e até pelo mundo, visitando capitais, onde apresentam suas culturas e comercializam seu artesanato. Em suma, são cidadãos brasileiros e estão antenados ao mundo globalizado contemporâneo.

Contudo, o povo Iny têm conseguido, de uma forma geral, não deixar que toda essa miscigenação cultural viesse a abalar a convicção na eficácia de suas práticas tradicionais ou enfraquecesse seu amor pelas suas heranças culturais. A língua Karajá, Inyrybe, é a língua materna das crianças na maioria das aldeias. O português é adquirido como segunda língua apenas na idade escolar. Tal quadro é, de fato, admirável, quando lembramos que muitos outros povos nativos brasileiros, inclusive os próprios Inã de algumas regiões mais periféricas, como nas aldeias de Aruanã e do PI Xambioá, vem experimentando processo intenso de perda linguística e cultural, em graus diversos, em relativamente bem menos tempo.

Os fatores mais decisivos que contribuem para a preservação da cultura e língua Inã estão no próprio seio de seu povo. A convicção nas suas crenças, na sua cosmovisão, na importância de se manter o equilíbrio entre os três níveis do mundo Inã, o celestial, o terreno, e o subaquático. Equilíbrio esse que é garantido pela realização de festas e rituais cíclicos, além da estrita observância de normas e condutas sociais prescritas desde tempos imemoriais. A alegria, a jovialidade, a disposição lúdica são traços intrínsecos do ethos Inã, e convertem-se em energia e entusiasmo dedicados aos preparativos e à realização de suas festas, como o Hetohokã, a festa que marca a iniciação dos meninos Inã. Para essas ocasiões, belos adornos e indumentárias são confeccionados para produzirem beleza, prazer estético e orgulho étnico entre os Inã.

A cultura Iny parece estar forte e vigorosa, sobretudo nas aldeias maiores. Mas o povo Inã sabe que não deve se descuidar, que frente aos avanços hegemônicos da sociedade globalizada, sua cultura de transmissão oral, intergeracional, se revela frágil e sob constante ameaça. As lideranças Inã andam preocupadas – especialmente com seus jovens, que podem se perder num limbo cultural, atraídos pelas sedutoras novidades da sociedade de consumo, que, facas de dois gumes, trazem benesses e malefícios - muitas vezes muito mais malefícios, como açúcar e sal em demasia na alimentação, lixo e sucata nas aldeias, além de alcoolismo, drogas e prostituição, destruidores de vidas e identidades. As associações Iny mahãdu, que gere e coordena uma cooperativa dos artesãos Inã, e Iny Bededyynana, que promove oficinas de transmissão de saberes e valorização cultural, são esforços para manter a coesão e a integridade da identidade Iny.

Hoje, o povo Iny conta, também, com o trabalho e o investimento do PRODOC, um amplo projeto de documentação que integra pesquisa de campo, tecnologia de ponta e formação de pesquisadores indígenas. O programa, fruto de um esforço conjunto entre a Fundação Nacional do Índio – FUNAI, a Fundação Banco do Brasil e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, UNESCO, visa garantir a salvaguarda do patrimônio cultural indígena brasileiro, através da documentação de línguas e saberes das sociedades indígenas brasileiras. O trabalho é coordenado pelo Museu do Índio do Rio de Janeiro, órgão gestor técnico científico. O projeto Karajá, que integra o Projeto de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas, PRODOCLIN, tem, desde 2010, com a anuência do povo Iny, uma equipe na qual participam dois pesquisadores dessa etnia que têm se dedicado a documentar em vídeo e áudio diferentes gêneros de fala Karajá, saberes tradicionais, festas e ritos. O material documental será processado e comporá uma base de dados digital a ser gerenciada pelo Museu do Índio.

Para cada projeto participante do PRODOCLIN, um site está sendo montado para apresentar a etnia, o trabalho realizado e o material produzido. O conteúdo do material será controlado pelos servidores do Museu do Índio, cabendo aos povos autores determinar os critérios de acessibilidade a eles.

O projeto tem o compromisso de retornar cópias de todo material produzido para as comunidades Karajá, além de prever a produção de materiais didáticos e paradidáticos para uso nas escolas das comunidades Karajá.

Chang Whan é jornalista, mestre em Antropologia da Arte (UFRJ, 1998) e doutora em Imagem e Cultura (UFRJ- 2010). Possui experiência na área de etnologia indígena, ênfase em arte e cultura material indígena.



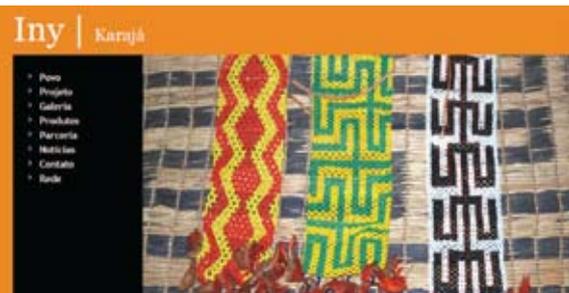
O Hetohokã, ou casa grande, é o espaço onde acontecem os ritos de iniciação dos meninos Iny. A réplica acima foi construída, nos jardins do Museu do Índio, pelos Karajá para a terceira edição do Projeto “Índio no Museu”.



Na criação de peças, que são símbolos contemporâneos da arte Iny, são utilizadas tanto técnicas tradicionais como inovadoras.



As Ritxoko, bonecas Karajá feitas em argila, retratam muitas histórias e revelam as tradições da vida Iny.



O site <http://prodocbeta.museudoindio.gov.br/prodoclin/karaja/> é um dos produtos dos projetos linguísticos desenvolvidos pela parceria Museu do Índio e comunidade Karajá.



# Acontece no Museu

## PROGDOC

O Programa de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas – Progdoc tem como objetivos promover a documentação de línguas e culturas indígenas, possibilitando a sua salvaguarda; consolidar a documentação linguística e cultural no País por meio da formação de pesquisadores indígenas e não indígenas e criar arquivos digitais em centros de documentação nas áreas indígenas, nas aldeias e no Museu do Índio. Constituem esse Programa, os projetos de documentação de línguas indígenas (Prodoclin), de culturas indígenas (Prodocult) e do acervo (Prodoc Acervo). São parceiros da iniciativa: a Fundação Banco do Brasil, a Sociedade Amigos do Museu do Índio e a UNESCO. O Progdoc foi lançado em 14 de abril de 2009. A preocupação inicial foi o fortalecimento de 13 línguas indígenas entre as cerca de 35 consideradas mais

ameaçadas de desaparecimento no Brasil, do total estimado de 180 ainda faladas na atualidade.

Os projetos em parceria com os povos indígenas possibilitaram a documentação e o registro de aspectos específicos de 22 culturas. São produtos realizados: exposições, publicações, sites, arquivos digitais multimídia e dossiês dos registros e acervos para as comunidades. Treinamento em documentação nas comunidades, transmissão intergeracional de saberes e práticas e qualificação de acervo são promovidos, periodicamente, por meio de oficinas.

Os trabalhos desenvolvidos, no âmbito do Progdoc, estão consolidando um amplo acervo digital, em segurança no Museu do Índio/FUNAI, que garante a disponibilidade de materiais de qualidade no decorrer dos anos.

São os seguintes os números dos resultados (dados do MI de janeiro/2011): 493 horas de filmagens

de vídeo – sendo 413 já capturadas digitalmente; 5.612 arquivos sonoros – 321 horas de gravações de áudio; 50.017 fotografias; 49 oficinas nas aldeias e 7 no Museu do Índio e 105 aldeias abrangidas com população superior a 27 mil pessoas beneficiadas. Destacamos a devolução a sete povos indígenas de dossiês acerca de seus povos •



Oficina com a etnia Xavante (MT), no Museu do Índio, em maio de 2011

# Museu ao VIVO

Ano 23 – número 37 – fevereiro/abril de 2011



Ministério da  
Justiça



Informativo do Museu do Índio/FUNAI – Editado pelo Núcleo de Comunicação Social - NUCOM

Presidente da República: **Dilma Rousseff** • Ministro da Justiça: **José Eduardo Cardozo** • Presidente da FUNAI: **Márcio Meira** • Diretor do Museu do Índio: **José Carlos Levinho**

Núcleo de Comunicação Social – NUCOM • Redação/Revisão: Cristina de Jesus Botelho Brandão (Reg. Prof. RJ 15633 JP), Denise Saltarelli (Reg. Prof. RJ 2866), Rosângela de Oliveira Abrahão (Reg. Prof. RJ 16125 JP), Marta Gontijo e Renata Cristina Vieira da Silva • Fotos: capa – Renata Cristina Vieira da Silva, internas – Chang Whan, Marina Maia e Renata Cristina Vieira da Silva •

Projeto gráfico: [www.ideiad.com.br](http://www.ideiad.com.br) • Tiragem: 7000 exemplares • Museu do Índio/FUNAI: Rua das Palmeiras 55, Botafogo – 22270-070 – Rio de Janeiro/RJ • Tels.: (21) 3214-8705/3214-8702  
[comunicacao@museudoindio.gov.br](mailto:comunicacao@museudoindio.gov.br) [comunicacao.mindio@gmail.com](mailto:comunicacao.mindio@gmail.com) Museu ao Vivo não se responsabiliza por conceitos em matérias assinadas ou entrevista.

**Impresso**

Nº Contrato 0061129690 DR/RJ  
**MUSEU DO ÍNDIO**

---CORREIOS---